

**João Miguel dos Santos Simões, *coleccionador de interesses e saberes:*  
a História da Arte e a reabilitação integral da arte do Azulejo**

Deve-se ao Eng<sup>o</sup> João Miguel dos Santos Simões (1907-1972) a nova visão esclarecida sobre o Azulejo como parte integrante das especificidades artísticas portuguesas e o reconhecimento da importância de tal dimensão a nível internacional.

A reputação atingida pelos trabalhos verdadeiramente pioneiros deste grande historiador de arte permitiu que os estudos de Azulejaria passassem a ser estruturados por uma metodologia e por uma visão alargada, não formalista (e muito menos preconcebida ou preconceituosa). Com os seus trabalhos, o Azulejo pôde finalmente ser visto como modalidade artística de primeira ordem, deixando de se subordinar a uma certa «tutela amesquinhante de cerâmica móvel» a que estivera quase sempre reduzido, passando a ser admirado dentro de um estatuto de obra de arte integral. A acção de Santos Simões a partir de 1947, como colaborador do Museu Nacional de Arte Antiga, constituiu o lastro que permitiria a realização, com o esforço paciente dos anos seguintes, do monumental «*corpus*» da Azulejaria portuguesa (publicado pela Fundação Caluste Gulbenkian em vários tomos analítico-inventariais a partir de 1966). Com esta obra, consolidou-se a evidência de que o Azulejo se situa, afinal, entre as mais notáveis e originais dentre as várias modalidades de criação artística que se testemunham no Património histórico-artístico nacional desde o século XV aos nossos tempos.

«A metodologia de João Miguel dos Santos Simões deve mais às Ciências Exactas que às Humanidades», disse Paulo Henriques, antigo director do Museu Nacional do Azulejo, e esse traço de formação de base permitiu-lhe afastar-se, logo nos anos 50, das convenções redutoras ao tempo dominantes na História da Arte, e abrir caminho a uma pesquisa objectiva, de rumos traçados, aliando saberes técnicos, laboratoriais, iconográficos, históricos, comparatistas e estéticos. Essas especificidades do seu «modo de ver» geraram uma vasta bibliografia de referência

e, mais do que isso, estruturaram o exemplo de uma visão globalizadora do «facto artístico». Os trabalhos de outros estudiosos que lhe seguiram o exemplo, com especial destaque para José Meco a partir dos finais dos anos 70, só poderiam ser possíveis com a qualidade das metodologias e o aprofundamento dos tipos de análise rasgados por Santos Simões.

De facto, é a força cenográfica da arte do Azulejo, a sua disponibilidade para animar espaços arquitectónicos (vejam-se os revestimentos integrais de padronagem do século XVII), o talento que tantas vezes perpassa na sua execução (veja-se a obra de António de Oliveira Bernardes), o gosto com que se irmana com outras artes (veja-se a sua relação íntima e feliz como a talha dourada, a escultura de vulto, a pintura de brutesco, a arquitectura de jardim), a sua predilecta relação com a luz, a água e os elementos da natureza, que tornam a arte da Azulejaria uma modalidade maior da criação portuguesa com expressão fortíssima, também, nos territórios da Lusofonia. Os estudos publicados desde os anos 80 sobre Azulejo, com ênfase nos realizados no seio do Museu Nacional do Azulejo, os que estudiosos como José Meco lhe vêm dedicando, e através dos projectos de investigação e trabalhos continuados dos técnicos da Rede Temática em Estudos de Azulejo e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões (RTEACJMSS), coordenada por Susana Varela Flor e Rosário Salema de Carvalho, têm vindo a consolidar uma linha de pesquisa cuja definição estratégica e sentido de enfoque crítico remontam, justamente, ao labor de Santos Simões.

O traço de identidade de João Miguel dos Santos Simões foi sempre a sua disciplina, aliada à grande paixão por saber mais, como afirmavam os seus colegas e admiradores, desde historiadores de arte, como Adriano de Gusmão, Flávio Gonçalves, Mário Chicó e Artur Nobre de Gusmão, Túlio Espanca, Nogueira Gonçalves, Mário Barata e Dora Alcântara, Yves Bottineau e George Kubler, a artistas como Almada Negreiros e Sarah Afonso, Eduardo Nery e Querubim Lapa, a museólogos como João Couto e Rafael Salinas Calado, e muitos outros, nacionais e estrangeiros. Desde cedo reconhecido pela sua faceta de modernidade, devidos aos périplos pela Europa e aos estudos em Inglaterra (que lhe valeram, em Tomar, o simpático epíteto de «John da Fábrica»), Santos Simões foi um erudito, um

cosmopolita, um sábio viajero, actualizado de informação, com uma visão do mundo que lhe permitiu traçar objectivos de vida e de pesquisa. Esse seu alicerçar da investigação, a partir de uma base formativa em Engenharia Têxtil (com diploma em França em 1929), com especialização no College of Technology de Manchester, prática de gerente da paterna Fábrica de Fiação de Tomar, numerosas visitas de estudo em Inglaterra, Itália, Alemanha, Suíça, Áustria, Holanda, Bélgica, Hungria, Checoslováquia, e ainda Estados Unidos, possibilitou que a obra de historiador da arte e também de museólogo atingissem tal proporção inovadora. Mas os seus interesses de «homem bom», de cientista «muito desprendido materialmente», eram muitos e extravasavam o amor pelo Azulejo: também fundou o Sky Club de Portugal na Serra da Estrela, trouxe dos EUA o jogo do Monopólio, criou o Grupo de Amigos dos Moinhos, estimulou a prática do Caravanismo, etc. etc.

Aquando da comemoração, em 2007, do centenário do nascimento de Santos Simões, que incluiu uma grande exposição monotemática realizada no Museu Nacional do Azulejo e a doação ao mesmo Museu do arquivo pessoal, pelos herdeiros, a sua filha Maria João Real, num depoimento ao jornalista José Vítor Malheiros que a questionava pela ausência de azulejos no espólio de «dossiers», cadernos e livros (*Público* de 17-VII-2007), afirmava que o pai «era um estudioso, não um coleccionador, ou melhor, era um *coleccionador de interesses e saberes*»... A definição é precisa: Santos Simões foi, na realidade, um historiador de arte de alargadíssima visão, apto como poucos a realizar um trabalho continuado a partir da elaboração de conceitos e da construção de uma metodologia adequada. Poucos autores portugueses abriram tantas portas, como Santos Simões, para o desenvolvimento da História da Arte e a revalorização do património artístico.

Vitor Serrão

Director do Instituto de História da Arte-Centro de Investigação  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa